

SABERES EM MOVIMENTO: CUIDAR DE QUEM CUIDA – ACOLHIMENTO, SAÚDE E QUALIDADE DE VIDA PARA MÃES ATÍPICAS

Fabiana Mendes dos Santos Costa⁵;

¹Centro universitário Unigrande (UNIGRANDE), Campina Grande, Paraíba.

Edvania Mendes dos Santos⁶;

²Centro universitário Unigrande (UNIGRANDE), Campina Grande, Paraíba.

Mariana Brito Miguel⁷;

³Centro universitário Unigrande (UNIGRANDE), Campina Grande, Paraíba.

Adeilson Francisco Soares Júnior⁸.

⁴Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI), Patos, Paraíba.

<https://lattes.cnpq.br/1424548985163936>

RESUMO: O presente relato descreve a experiência de estágio curricular realizado na Associação Débora, instituição voltada ao atendimento de crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA). A ação teve como público-alvo as mães, enquanto principais cuidadoras, considerando o impacto do cuidado integral na organização da rotina e no desempenho ocupacional. Observou-se a presença de sobrecarga do cuidador, privação e desequilíbrio ocupacional, com ruptura de papéis ocupacionais e negligência das Atividades de Vida Diária (AVDs), Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVDs) e de lazer em detrimento do cuidado ao filho. A intervenção foi realizada por meio de grupo terapêutico com ênfase na escuta qualificada, acolhimento e fortalecimento de vínculos. Foram abordados temas como rotina ocupacional, ressignificação do papel ocupacional de mãe/cuidadora, manejo do estresse, importância do autocuidado como ocupação significativa e estratégias de conservação de energia e organização da rotina para promoção do equilíbrio ocupacional. Evidenciou-se que cuidar de quem cuida, a partir do olhar da Terapia Ocupacional, contribui para a promoção da autonomia, da participação ocupacional, da qualidade de vida e para o fortalecimento da rede de apoio, refletindo positivamente na díade mãe-criança e na funcionalidade familiar.

PALAVRAS-CHAVE: Movimento. Autismo. Terapia.

5 Discente do curso de Terapia Ocupacional.

6 Discente do curso de Terapia Ocupacional.

7 Discente do curso de Terapia Ocupacional.

8 Docente do curso de Terapia Ocupacional, e orientador da presente pesquisa. E-mail: adeilsonfsjunior@gmail.com

KNOWLEDGE IN MOTION: CARING FOR THOSE WHO CARE – SUPPORT, HEALTH, AND QUALITY OF LIFE FOR ATYPICAL MOTHERS

ABSTRACT: This report describes the internship experience at Associação Débora, an organization focused on supporting children diagnosed with autism spectrum disorder (ASD). The program targeted mothers, as the primary caregivers, considering the impact of holistic care on daily routine and occupational performance. Caregiver overload, occupational deprivation, and imbalance were observed, with disruption of occupational roles and neglect of Activities of Daily Living (ADLs), Instrumental Activities of Daily Living (IADLs), and leisure activities in favor of caring for children. The intervention was carried out through a therapeutic group emphasizing attentive listening, support, and strengthening of bonds. Topics such as daily routines, redefining the occupational role of mother/caregiver, stress management, the importance of self-care as a meaningful occupation, and strategies for energy conservation and routine organization to promote occupational balance were discussed. It was shown that taking care of the caregiver, from an Occupational Therapy perspective, helps promote autonomy, occupational participation, quality of life, and strengthens the support network, having a positive impact on the mother-child relationship and family functioning.

KEYWORDS: Movement. Autism. Therapy.

INTRODUÇÃO

O diagnóstico de autismo provoca mudanças significativas na dinâmica familiar e pode trazer uma série de desafios que precisam ser enfrentados diariamente. Embora a atenção esteja, muitas vezes, voltada para as necessidades da criança, é importante compreender que a família também passa por um processo de adaptação e necessita de orientação, apoio e acolhimento. Dentro desse contexto, as mães frequentemente assumem uma parte significativa das responsabilidades relacionadas aos cuidados, acompanhamentos, tratamentos, atividades escolares e necessidades específicas dos filhos, podendo acabar deixando suas próprias necessidades em segundo plano.

Ser mãe de uma criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) implica em uma reorganização da rotina ocupacional que, frequentemente, exige dedicação exclusiva e contínua. Conforme apontam Gomes et al. (2015), o cotidiano dessas cuidadoras é marcado por múltiplas demandas, como o acompanhamento em consultas, terapias, no contexto escolar e na gestão das Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVDs) da família, o que pode gerar sobrecarga e desequilíbrio ocupacional. Para além das demandas práticas, o exercício intenso do papel ocupacional de cuidadora pode acarretar repercussões na saúde mental, com sentimento de insegurança, fadiga, medo e ansiedade, impactando o engajamento em ocupações significativas de autocuidado e lazer. Embora cada família possua uma dinâmica singular, evidencia-se a necessidade de espaços de escuta

qualificada, acolhimento e fortalecimento da rede de apoio, aspectos fundamentais para a promoção do equilíbrio ocupacional e da qualidade de vida da díade mãe-filho (SANTOS; MORAES, 2020).

No contexto da sobrecarga materna, o autocuidado não deve ser interpretado como egoísmo ou negligência do papel ocupacional de cuidadora, mas como uma ocupação significativa e necessária para a manutenção do equilíbrio ocupacional. De acordo com Figueiredo et al. (2020, p. 452), “cuidar de si é reconhecer os próprios limites e necessidades, sendo um ato essencial para que o cuidador possa sustentar o cuidado ao outro de forma saudável”.

Nessa perspectiva, atitudes como reservar momentos de descanso, acionar a rede de apoio, compartilhar as dificuldades, preservar a participação social e buscar acompanhamento profissional quando necessário, configuram-se como estratégias de conservação de energia e de promoção da saúde. Assim, a criação de espaços grupais que favoreçam essa reflexão, como o realizado na intervenção, torna-se uma importante ferramenta da Terapia Ocupacional para a prevenção do adoecimento e para a valorização da ocupação do cuidador.

A escuta ativa possui um papel importante nesse processo. Quando uma pessoa encontra um espaço no qual pode falar sem medo de julgamentos, ela pode organizar melhor seus pensamentos, expressar sentimentos e compartilhar experiências. No caso das mães de crianças autistas, esse espaço pode favorecer a troca de experiências entre mulheres que vivenciam situações semelhantes. A possibilidade de conversar com outras mães pode contribuir para a construção de vínculos, identificação de estratégias de enfrentamento e fortalecimento de uma rede de apoio.

A rede de apoio social configura-se como um fator essencial para a promoção da saúde e do equilíbrio ocupacional de famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). De acordo com Pinto e Oliveira (2021), o cuidado não deve ser centralizado exclusivamente na figura materna, sob o risco de gerar sobrecarga do cuidador e ruptura dos demais papéis ocupacionais. A construção de uma rede de suporte compartilhada, composta por familiares, profissionais de saúde, instituições, escola e comunidade, contribui para a divisão de responsabilidades e para o suporte às demandas da criança e de seus cuidadores. Na perspectiva da Terapia Ocupacional, quando há uma rede de apoio efetiva, torna-se possível o compartilhamento de dificuldades, a construção coletiva de estratégias e o fortalecimento da funcionalidade familiar, evitando a sobrecarga e o isolamento social da mãe enquanto principal cuidadora.

A proposta da intervenção teve como finalidade proporcionar um espaço de acolhimento, escuta qualificada e reflexão sobre o cotidiano, permitindo que as participantes pudessem compartilhar suas histórias ocupacionais e os desafios presentes em suas rotinas. A intenção, enquanto recurso terapêutico grupal, não foi oferecer respostas prescritivas, mas criar um ambiente seguro e de pertencimento. Conforme destacam Castro, Lima e

Brunello (2018, p. 98), “o grupo enquanto recurso da Terapia Ocupacional possibilita a troca de experiências, o fortalecimento de vínculos e a valorização da singularidade de cada sujeito”. Dessa forma, buscou-se garantir que cada mãe pudesse se expressar, validar suas vivências e reconhecer que suas experiências, sentimentos e ocupações também são legítimos e importantes para a promoção de sua própria saúde e bem-estar.

No entanto, compreender a realidade, a rotina e a sobrecarga vivenciada pelos cuidadores é fundamental para que o plano terapêutico seja mais efetivo e resolutivo. Ao oferecer um espaço específico de escuta e acolhimento para as mães, a instituição demonstra reconhecer a importância do papel ocupacional dessas mulheres e compreende que a promoção do bem-estar, do equilíbrio ocupacional e da qualidade de vida da família repercute diretamente no desenvolvimento, na participação e no engajamento da criança em suas ocupações.

Portanto, a realização desta atividade buscou contribuir para uma perspectiva mais humanizada e integral do cuidado, em consonância com os princípios da Política Nacional de Humanização, reconhecendo as mães enquanto sujeitos ocupacionais que também necessitam de atenção, suporte e cuidado.

OBJETIVO

A atividade teve como objetivo proporcionar às mães de crianças autistas atendidas pela Associação Débora um espaço de acolhimento, escuta e troca de experiências, buscando valorizar suas vivências e os desafios enfrentados no dia a dia. A proposta também teve como finalidade incentivar o autocuidado e a atenção à própria saúde física e emocional, mostrando a importância de reservar momentos para si, compartilhar dificuldades e buscar apoio quando necessário.

Por meio das rodas de conversa e da escuta ativa, procurou-se fortalecer os vínculos entre as participantes, promover reflexões sobre suas rotinas e contribuir para o fortalecimento emocional das mães, entendendo que cuidar de quem cuida também faz parte do cuidado com a criança e com toda a família.

METODOLOGIA

A atividade foi desenvolvida como uma ação de extensão de natureza aplicada, pois buscou trabalhar uma necessidade identificada na comunidade. Quanto à abordagem, foi utilizada a pesquisa qualitativa, considerando os relatos, experiências e percepções das participantes. Quanto aos objetivos, caracteriza-se como descritiva, por buscar compreender e descrever as experiências vivenciadas pelas mães de crianças autistas.

Quanto aos procedimentos, foi realizada uma pesquisa de campo, desenvolvida na Associação Débora, com a participação de mães de crianças autistas atendidas pela instituição. A atividade foi organizada em três encontros, realizados durante três semanas, com duração média de duas horas cada.

Como principal técnica de coleta de informações, foi utilizada a roda de conversa, baseada na escuta ativa, no diálogo e na troca de experiências. No primeiro encontro, foi apresentada a proposta e realizada uma conversa inicial sobre a rotina e as principais dificuldades das participantes. No segundo, foram discutidos temas como cansaço, sobrecarga, falta de tempo e autocuidado. No terceiro encontro, foram abordados o fortalecimento emocional, a importância de pedir ajuda e a construção de uma rede de apoio.

A análise foi realizada de forma qualitativa e descritiva, considerando as falas, experiências, dúvidas e reflexões apresentadas pelas participantes durante os encontros. Não foram utilizados procedimentos estatísticos.

Assim, a metodologia utilizada foi composta por natureza aplicada, abordagem qualitativa, objetivo descritivo e procedimento de pesquisa de campo, tendo a roda de conversa como principal estratégia para promover escuta, acolhimento e troca de experiências.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade desenvolvida na Associação Débora teve como foco principal as mães de crianças autistas atendidas pela instituição, buscando proporcionar um momento diferente da rotina de cuidados, no qual elas pudessem falar, ser ouvidas e refletir sobre a própria saúde. Durante a realização da atividade, foi possível perceber que, muitas vezes, as mães concentram grande parte do seu tempo e da sua atenção nas necessidades dos filhos e acabam deixando suas próprias necessidades em segundo plano.

Inicialmente, foi realizado um contato com as participantes para apresentar a proposta da atividade e explicar a importância de falar também sobre a saúde das cuidadoras. Esse primeiro momento foi importante para criar uma aproximação com as mães e estabelecer um ambiente no qual elas se sentissem confortáveis para participar. A intenção não era apenas levar informações, mas principalmente conhecer um pouco da realidade vivenciada por elas e compreender quais eram as principais dificuldades encontradas no dia a dia.

Apartir das informações obtidas, foram organizadas atividades voltadas principalmente para a promoção da saúde e do bem-estar. Um dos principais pontos trabalhados foi a importância do autocuidado. Durante as conversas, procuramos mostrar que cuidar de si não significa deixar de cuidar dos filhos ou colocar as próprias necessidades acima das necessidades da criança. Pelo contrário, entendemos que o cuidado da mãe também faz parte de uma rotina familiar mais saudável, pois uma cuidadora que consegue reconhecer

seus limites e buscar ajuda quando necessário pode enfrentar as demandas do cotidiano de uma maneira mais equilibrada. Segundo Schmidt e Bosa (2007), o estresse em mães de pessoas com autismo está relacionada à sobrecarga de cuidados e à falta de suporte social.

As rodas de conversa foram utilizadas como uma das principais estratégias da atividade. Esse formato possibilitou que as mães participassem de maneira mais espontânea, compartilhando suas experiências, dificuldades e sentimentos. Durante esses momentos, procuramos ouvir sem julgamentos e respeitar a história de cada participante, entendendo que cada família possui uma realidade diferente e que não existe uma única maneira de vivenciar a maternidade e o cuidado de uma criança autista.

Durante as conversas, foram abordadas questões relacionadas ao cansaço, à falta de tempo para si mesmas, à rotina de cuidados, às responsabilidades familiares e à importância de procurar ajuda. Também foi discutida a necessidade de prestar atenção aos próprios sinais físicos e emocionais, principalmente quando o cansaço e a sobrecarga começam a interferir na qualidade de vida. As participantes foram incentivadas a reconhecer que suas necessidades também são importantes e que buscar apoio não deve ser visto como sinal de fraqueza. “ Cuidar de si é reconhecer os próprios limites e e necessidades, sendo um ato essencial para que o cuidador possa sustentar o cuidado ao outro de forma saudável” De acordo com Figueiredo et al. (2020, p.452)

Outro ponto trabalhado foi a importância da saúde mental. A equipe procurou orientar as mães sobre a necessidade de falar sobre seus sentimentos e procurar profissionais de saúde quando perceberem que alguma situação está ultrapassando seus limites. Foi reforçado que momentos de tristeza, cansaço intenso, irritação ou desânimo não devem ser ignorados quando se tornam frequentes ou começam a prejudicar a rotina. A proposta foi mostrar que procurar ajuda profissional é uma atitude de cuidado e prevenção. Para Miele e Amato (2016) o suporte e a escuta qualificada são fundamentais pra reduzir o estresse e melhorar a qualidade de vida dos cuidadores de pessoas com TEA.

Entre as atividades realizadas, foram utilizados exercícios de alongamento como uma forma de estimular a movimentação corporal e proporcionar um momento de pausa durante a rotina. Os exercícios foram apresentados de maneira simples, buscando demonstrar que não é necessário dispor de muito tempo ou de equipamentos específicos para realizar pequenas atividades de cuidado com o corpo. A proposta foi incentivar que as mães percebessem a importância de movimentar-se e reservar alguns minutos para si.

Também foi utilizada a música como recurso para proporcionar um momento de relaxamento. A música foi escolhida como uma forma simples de criar um ambiente mais tranquilo e favorecer uma pausa nas preocupações do cotidiano. Durante esse momento, as participantes puderam diminuir o ritmo, prestar atenção à respiração e aproveitar alguns minutos direcionados ao próprio bem-estar. Como destaca Cunha (2019, p.87), “ o autocuidado não se refere apenas à ausência de doenças, mas ao reconhecimento de si

comom alguém que também precisa de atenção, descanso e afeto”.

A interdisciplinaridade foi outro aspecto importante durante o desenvolvimento da ação. A participação de estudantes e integrantes das áreas de Fisioterapia, Farmácia e Terapia Ocupacional possibilitou uma visão mais ampla sobre as necessidades das mães. Cada área contribuiu de uma maneira diferente para o desenvolvimento das atividades, permitindo trabalhar tanto questões relacionadas ao corpo quanto aspectos relacionados à saúde, ao cotidiano e à qualidade de vida.

A Fisioterapia contribuiu principalmente com a parte relacionada ao cuidado físico e aos exercícios de alongamento, mostrando possibilidades de movimentação que podem ser incorporadas à rotina. A Farmácia contribuiu com orientações relacionadas ao uso responsável de medicamentos e à importância de procurar profissionais de saúde para esclarecer dúvidas sobre tratamentos e cuidados. Já a Terapia Ocupacional trouxe uma contribuição relacionada à organização da rotina, ao autocuidado e à realização de atividades que possam favorecer maior equilíbrio entre as responsabilidades e as necessidades pessoais.

Essa integração entre as áreas mostrou que o cuidado em saúde precisa ser pensado de maneira ampla. Quando se olha somente para a criança, algumas necessidades da família podem acabar não sendo percebidas. No entanto, quando a equipe considera também a mãe e os demais familiares, torna-se possível compreender melhor todo o contexto em que a criança está inserida.

Por isso, durante a atividade, procuramos trabalhar a ideia de que o autocuidado não precisa necessariamente envolver grandes mudanças. Pequenos momentos durante o dia, como realizar um alongamento, ouvir uma música, conversar com alguém de confiança ou simplesmente descansar por alguns minutos, também podem representar formas de cuidado. De acordo com Marini, Lourenço e Barba (2017, p.335), “a mulher que se torna mãe de uma criança com deficiência não deixa de ser mulher, com sua subjetividade e história ocupacional”.

Foi possível observar também a importância da prevenção. Muitas vezes, as pessoas procuram ajuda somente quando já estão enfrentando algum problema de saúde. No caso das cuidadoras, isso pode acontecer porque suas próprias necessidades acabam sendo colocadas em segundo plano. Dessa forma, a atividade procurou incentivar uma mudança de olhar, mostrando que acompanhar a própria saúde e buscar ajuda antes que os problemas se agravem também é uma forma de responsabilidade consigo mesma.

A experiência também permitiu compreender melhor a importância da empatia durante o atendimento. Cada mãe possui uma história e uma realidade particular, e por isso as orientações precisam considerar as condições e possibilidades de cada pessoa. Não seria adequado simplesmente dizer para uma mãe que ela precisa “se cuidar mais” sem compreender as dificuldades que podem impedir esse cuidado. Foi necessário primeiro ouvir, compreender e, a partir disso, pensar em possibilidades que fossem mais próximas

da realidade delas.

O desenvolvimento da atividade também trouxe aprendizados importantes para a equipe. O contato direto com as mães possibilitou colocar em prática conhecimentos adquiridos durante a formação acadêmica e perceber que a atuação em saúde vai além dos conteúdos aprendidos em sala de aula. É necessário saber ouvir, dialogar, trabalhar em equipe, respeitar diferentes realidades e adaptar a linguagem para que as informações realmente sejam compreendidas.

De maneira geral, a atividade apresentou uma participação positiva das mães e possibilitou um espaço de troca de experiências. As rodas de conversa, o questionário, os exercícios de alongamento, a música para relaxamento, as orientações e os panfletos contribuíram para tornar a ação mais dinâmica e próxima das participantes. Mais do que transmitir informações, foi possível construir um momento de convivência, escuta e reflexão.

A ação também mostrou que falar sobre o cuidado das mães é necessário dentro dos espaços que atendem crianças autistas. Muitas vezes, a mãe está presente em consultas, terapias, reuniões e atividades dos filhos, mas não encontra um espaço específico para falar sobre suas próprias necessidades. Criar esse espaço pode contribuir para que ela se perceba também como alguém que precisa de atenção e cuidado. Conforme destacam Andrade e Teodoro (2018, p.495), “a família e, em especial, a mãe, necessita ser compreendida para além do papel de cuidadora, considerando suas próprias demandas e vivências”.

Outro aspecto observado foi que o fortalecimento da mãe pode refletir positivamente na família. Quando a cuidadora possui uma rede de apoio, consegue reconhecer seus limites e encontra maneiras de cuidar da própria saúde, pode enfrentar as demandas familiares com mais segurança. Por isso, a proposta não teve como objetivo retirar o foco das crianças, mas ampliar o cuidado para incluir também quem está diariamente ao lado delas.

Como Pinto e Oliveira afirmam e destacam o apoio social e a divisão de responsabilidades são fatores protetores contra a sobrecarga materna no contexto do autismo. Assim, o desenvolvimento dessa atividade possibilitou uma experiência significativa tanto para as participantes quanto para a equipe. Para as mães, foi oferecido um momento de acolhimento, reflexão e incentivo ao autocuidado. Para a equipe, foi uma oportunidade de aprender com a realidade da comunidade, desenvolver uma atuação mais humanizada e compreender a importância do trabalho interdisciplinar. A experiência reforçou que a promoção da saúde deve considerar não apenas o indivíduo que recebe o atendimento, mas também as pessoas que fazem parte da sua rotina e da sua rede de apoio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste projeto na Associação Débora possibilitou compreender, de forma mais próxima, a importância de olhar não apenas para a criança com Transtorno

do Espectro Autista (TEA), mas também para as pessoas diretamente envolvidas em seu cuidado, especialmente as mães. Ao longo das atividades desenvolvidas, percebeu-se que a rotina dessas mulheres envolve múltiplas responsabilidades, preocupações e desafios, o que faz com que, frequentemente, suas próprias necessidades de saúde física e emocional sejam negligenciadas.

As orientações realizadas também reforçaram que cuidar de si não significa deixar de cuidar dos filhos, mas representa uma forma de preservar a própria saúde e fortalecer as condições para continuar exercendo suas responsabilidades de maneira mais saudável. Outro ponto importante foi a experiência interdisciplinar envolvendo as áreas de Fisioterapia, Farmácia e Terapia Ocupacional, que possibilitou ampliar o olhar sobre as necessidades das mães. Cada área contribuiu de maneira específica para a promoção da saúde, demonstrando que o cuidado integral precisa considerar diferentes aspectos da vida do indivíduo e de sua família.

O projeto evidenciou que as mães atípicas não devem ser vistas apenas como cuidadoras, mas como mulheres que também possuem necessidades, sentimentos, projetos, limites e direito ao cuidado. Portanto, conclui-se que promover saúde significa também cuidar de quem cuida. As ações desenvolvidas na Associação Débora contribuíram tanto para as participantes quanto para nossa própria formação, permitindo uma experiência de aprendizagem baseada no contato com a realidade, no respeito às diferenças e na valorização do cuidado humanizado.

Espera-se que iniciativas como essa possam continuar sendo realizadas, fortalecendo espaços de escuta, orientação e apoio às mães e às famílias, contribuindo para uma melhor qualidade de vida e para uma rede de cuidado cada vez mais acolhedora e integral.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR**. 5. ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtornos do espectro do autismo (TEA)**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014.

CASTRO, E. D.; LIMA, E. M. F. A.; BRUNELLO, M. I. B. Atividades humanas e terapia ocupacional. In: DE CARLO, M. M. R. P.; BARTALOTTI, C. C. (orgs.). **Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas**. São Paulo: Plexus, 2018. p. 93-110.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 8. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2019.

FIGUEIREDO, M. O. et al. Cotidiano e sobrecarga de mães de crianças com Transtorno do Espectro Autista: implicações para a Terapia Ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 31, n. 1-3, p. 448-456, 2020.

GOMES, Paulyane T. M. et al. Autismo no Brasil, desafios familiares e estratégias de superação: revisão sistemática. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, v. 91, n. 2, p. 111-121, 2015.

MARINI, B. P. R.; LOURENÇO, M. C.; BARBA, P. C. S. D. Revisão da literatura: o cotidiano de mães de crianças com deficiência. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 28, n. 3, p. 330-337, 2017.

MIELE, Fernanda G.; AMATO, Cibelle A. H. Transtorno do espectro autista: qualidade de vida e estresse em cuidadores e/ou familiares. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, São Paulo, 2016.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Autism**. Geneva: World Health Organization, 2023.

SANTOS, M. A.; MORAES, P. B. Sobrecarga e repercussões no cotidiano de mães de crianças com TEA: contribuições da Terapia Ocupacional. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, n. 3, p. 924-940, 2020.